



José Soares

## Feliz Natália da lenda maravilhosa

Lisboa 1967. Rua Forno do Tijolo, 22 de dezembro.

Tomava o café pós-jantar aí pelas 20h30, num fim-de-tarde chuvoso. Era uma pequena e modesta cafeteria à direita quem sobe aquela rua, a partir do Bairro das Colónias. Normal, irmos tomar café após o jantar (acho que ainda é). As cinco mesas estavam ocupadas. O televisor a preto e branco retinha os clientes no telejornal. Eu lia o “Diário Popular” da casa, ao mesmo tempo que dava um instante soslaio na TV. Assimilava o (que me parecia) mais importante das duas fontes. Afinal, era quase sempre o mesmo, tudo viciado, tudo censurado, menos a tinta preta do jornal que continuava a sujar-nos os dedos.

Alguém entra pela porta com o ímpeto de quem nada para uma tábua de salvação, tentando ao mesmo tempo fechar o pequeno guarda-chuva no interior. Sacode o mesmo e pragueja palavras imperceptíveis. De seguida olha à volta e vai ao balcão pedir um copo de vinho. De seguida, ouvi uma voz feminina e nada cristalina: “importa-se que me sente na sua mesa?”

Foi só então que demorei mais a contemplar a figura: “! Fáchavor! Respondi apontando uma cadeira.

“Que raio de tempo, não acha?” Sim, respondi. É um tempo do corisco, como se diria na minha terra...

“Não me diga que é açoriano...!”

Sim senhora. Sou açoriano de São Miguel.

“Ótimo, ótimo. Depois de um alaganço lá fora, começa a valer a pena ter entrado!”

“Com licença. Aqui tem o seu vinho, Dona Natália.” - interrompeu o empregado.

“Obrigada Alfredo.”

Olhando-me: “Eu, já sabe como me chamam. E você?”

Sou José e chamam-me Zé ou Zéca.

“Ahhhh, José. O que dormiu com Maria...” - Gargalhou a Senhora.

“Desculpe Zé. Estou a brincar”.

Não se desculpe Dona Natália, que eu também gosto de uma boa piada.

“Você é crente, Zé?”

Por cultura imposta...

“Que resposta mais original! Crente cultural? - Indagou a Senhora, levando o copo

aos belos lábios e tragando um bom gol de vinho.”

Bem... - engasguei - a igreja obriga!

“A igreja não ! Este... (baixando a voz e aproximando-se) regime! Este maldito regime.”

Não respondi, nem sabia fazê-lo. Eu era ainda muito jovem para toda àquela bagagem intelectual. Só me veio à cabeça uma única afirmação e foi essa que usei:

Felizmente que estamos no Natal...!

“É. Felizmente. Você não tem saudades da nossa Terra?”

Sim Senhora. Muitas, respondi de imediato.

Mas a Senhora Natália é de onde?

“Eu? Da Fajã de Baixo. E você, Zé?”

Eu sou de São José.

“Ouça Zé. Você conhece a Graça, não?”

Sim Senhora. É logo aqui acima... - respondi, tentando dizer algo de tarêlo.

“Bom. E conhece o bar da Natália, o Botequim.

Ahhhh! A Senhora tem um bar...”

“Sim. Tenho um bar. Anda. Vou mostrar-te.”

E lá subimos ao Largo da Graça. “Hoje decidi que havia de fazer uma caminhada, mas não debaixo daquela chuva! Pronto. É aqui o Botequim.”

Entramos e logo uma barulheira soou quase em uníssono: “NATÁLIA”.

“Olá, Olá, Olá a todos. Trago-vos o meu conterrâneo achado na Forno do Tijolo há menos de uma hora. Chama-se Zé e é dos Açores, mais concretamente da minha Ilha de São Miguel” - e virando-se para mim: “pronto Zé... espera. Ainda não me disseste o teu nome! Zé de quê?”

Soares, Senhora. José Soares.

“Ah! Muito bem, Soares. Vou atirar-te a estas feras. Mas são boas feras. Fica por aí e vai falando com um e com outro”.

Grande Natália. Hoje medito na sorte que tive em conhecer algumas das figuras que marcaram gerações. E Natália Correia certamente que foi das que mais marcaram aquela Lisboa que eu conheci.

\*lusologias@gmail.com



Chrys Chrystello\*

## Vamos sanitizar o Natal e o Mundo

Lembro bem que há uns 30 anos como funcionário público australiano recebi instruções da tutela sobre como usar a terminologia natalícia, devendo substituir as habituais “Merr Xmas” (Feliz Natal) por “Season Greetings” (Saudações Sazonais). Nessa época já o politicamente correto estava alta-mente implantado na sociedade australiana. Há dias, na EU, uma senhora quis também apagar a palavra natal para não ofender os restantes, mas não foi desta. Irá voltar à carga, tanto mais que até o Papa protestou nesta tentativa de sanitizar o natal e a língua.

Existem por aí uns iluminados muito progressistas, sobretudo no Brasil e Galiza, que adoram o neu-tro e ignorando que sexo e género não são a mesma coisa, criaram o neutro como por exemplo em “**todes**” para substituir **todos** e **todas**. Os argumentos são lindinhos do ponto de vista político pro-gressista mas esquecem até mais a gramática que a linguística, talvez por não serem versados nela. E como hoje está uma chuva de molha tolos, aqueles que andam à chuva do neutro molham-se.

Tudo isto deriva de correntes de pensamento originadas nos EUA e que se propagaram como cogumelos nalguns países. Assim objeto (e sinto-me ofendido) veementemente contra o “Thanksgi-ving” (Ação de Graças) e o “Halloween” que deviam ser os primeiros a desaparecer.

A Wikipédia alerta para isto: *a neutralização de linguagem lusófona acontece, na maioria das vezes, usando o masculino genérico, como estabelecido na língua portuguesa, havendo exceções de palavras, que sejam de substantivo sobrecomum ou comum de dois géneros (binários). Sabendo que, o masculino nem sempre representa todas as pessoas, especialmente aquelas que são femininas ou neutras de género, tenta-se reforçar a inclusão de mulheres e pessoas não-binárias, através das propostas de linguagem não sexista ou neolinguagem de géneros gramaticais, com as flexões léxicas, como por exemplo, em “todos, todas e todes”, neopronomes neutros de terceira pessoa “ile” e “elu”, ao invés de “ela” e “ele”, e perífrases para evitar neologismos, como em “todos indivíduos”, seguindo concordâncias. Muitas palavras, que já eram neutras de género, acabam passando por feminilização, por*

*exemplo, em “chefe” versus “chefa”, na qual chefe transforma-se numa palavra associada ao género masculino. Algumas palavras invariáveis em género são naturalmente epicenas ou sobrecomuns, como por exemplo, em “animal”, “pessoa”, “indivíduo” e “ser”, sem precisarem de um neologismo para serem neutras (agenerizadas/agenerificadas ou desgenerizadas/desgenerificadas). Há também substantivos de género vacilante, que é o caso de “moral” e “capital”.*

Transcendência de género, assim como a sua neutralidade, é parte do conceito transumanista de pós-generismo, que é definida como o movimento para corroer o papel cultural, biológico, psicológico e social do género dentro da sociedade. Tudo isto é muito lindo, romanticamente utópico lutando contra uma pretensa exclusão colonizadora dos mais fracos, dos mais vulneráveis e dos excluídos, criando situações patéticas como aquela do político português que se dirigiu aos colegas “Camaradas e camarados”.

A gramática conhecida como a norma culta da língua, entende que não é necessário distinguir os géneros de determinado grupo quando há a presença de homens e mulheres. Utilizar, “Os alunos e as alunas foram ao parque” seria um pleonasma.

Creio firmemente que a neutralização ou assexuação linguística pretendida é uma falsa questão, não temos de mudar a língua mas sim os comportamentos discriminatórios, as atitudes de exclusão da sociedade e começar pela neutralidade do idioma é como começar a casa pelo telhado, e como não tem fundações irá tombar com a mais pequena brisa. Tenham todos um bom natal, sejam ateus, cristãos, judeus, muçulmanos, budistas, confucionistas, taoístas, zoroastristas, e das demais deno-minações religiosas.

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 (Australian Journalists' Association MEAA)